



CORONEL BRAZILIO TABORDA

General de Divisão Reformado do Exército Brasileiro

Comandante do Exército Constitucionalista do Setor Sul

Quartel General em Itapetininga/SP

Brazilio Taborda foi natural do Estado do Paraná, em 20 de maio de 1877, filho do Sr. Manoel Paulino da Silva. Após o término de sua educação básica, assentou ele praça aos 17 anos de idade, no 13º Regimento de Cavalaria, a 26 de novembro de 1894.

O soldado recruta Brazilio Taborda, graças a sua inteligência e dedicação incontestes à carreira militar que abraçara, ascendeu em pouco tempo às graduações de anspeçada, cabo e furriel, vindo a ser promovido a segundo sargento em 16 de março de 1895, quando ainda neste mesmo mês conseguiu realizar seu grande sonho, ingressar na Escola Militar com destino à sua formação para ser oficial do Exército Brasileiro.

De fato, após ser aprovado nos exames de ingresso, seguiu com destino à Escola Militar do Rio Grande do Sul, de onde foi aluno dos anos de 1895 a 1897, dali sendo transferido para a Escola Militar do Ceará, lá permanecendo de 1897 a 1898, vindo a concluir a sua formação na Escola Militar do Brasil em 1904, com os títulos de bacharel em Matemática e Ciências Físicas e de engenheiro militar.

Distinguido com o posto honorífico de Alferes-Aluno, a 1º de maio de 1901, Brazilio Taborda demonstrava desde os bancos acadêmicos a característica incontestante que o caracterizou por toda a vida, qual foi, a determinação com a qual se dedicava às suas obrigações, aos seus afazeres e mais tarde, durante a Revolução Constitucionalista de 1932, da qual foi um de seus maiores comandantes, aos ideais por um São Paulo grande, dentro de um Brasil maior.

O primeiro posto do oficialato, o de segundo tenente, Brazilio Taborda o atingiu aos 29 anos de idade, em 10 de janeiro de 1907, para a arma de Artilharia, a qual muito soube honrar nos seus quase cinqüenta anos de carreira militar.

Como oficial subalterno, serviu ele em vários corpos de tropa, fossem regimentos de infantaria e artilharia, tendo sido ainda professor de Aritmética e Geometria do Colégio Militar de Porto Alegre nos anos de 1912 e 1913.

Pouco antes, em 25 de outubro de 1909, fora ele promovido ao posto de primeiro tenente e, a 7 de novembro de 1917, ao posto de capitão. Em 1921, passou para a

segunda classe do Exército para tratamento de saúde, tendo revertido para a primeira classe no ano seguinte, para então realizar curso na Escola de Estado Maior do Exército.

A 20 de abril de 1923, aos 46 anos incompletos, atinge o posto de major para dali a um ano participar da Revolução de 1924, ao lado da legalidade como chefe do Estado-Maior do Destacamento João Gomes.

Seguiram-se então transferências para várias unidades e missões das mais variadas, quando em 13 de outubro de 1927, foi ele promovido ao posto de tenente coronel, vindo a comandar o 5º Regimento de Artilharia Montada e posteriormente o 2º Regimento de Artilharia Montada, este último durante a Revolução de 1930.

Em 15 de outubro de 1931, decreto o promove ao posto de coronel e concomitantemente o classifica diretor do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da 5ª Região Militar.

Quando a revolução constitucionalista de 1932, a 9 de julho daquele ano, era deflagrada, encontrava-se o coronel Brazilio Taborda servindo no Estado Maior do Exército, no Rio de Janeiro.

Profundo entendedor do momento crítico em que se encontrava a nacionalidade brasileira e o esforço hercúleo que o Estado de São Paulo havia tomado para levantar todo o país e fazer valer a Constituição, a Liberdade e a Democracia, Brazilio Taborda deixa o rio no dia 14 de julho desse ano, com destino a Santos, onde por ordem do general Bertoldo Klinger, comandante militar da Revolução, deveria elaborar o plano de defesa daquela importante cidade portuária.

Tinha terminado de elaborar tal plano quando a 18 de julho nova ordem do general Klinger determinou que seguisse para o setor Sul do Estado, mais precisamente para a cidade de Itapetininga, onde ali assumiria o comando do Exército Constitucionalista do Setor Sul, ali em formação com vistas a defesa do estado contra tropas adversárias advindas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Paraíba e Pernambuco, a comando do general Waldomiro Castilho de Lima.

Com a sua chegada em Itapetininga na manhã do dia 19 de julho de 1932, tomou o coronel Brazilio Taborda todas as medidas enérgicas que a situação demandava.

De fato, a fronteira sul do estado, em Itararé, já havia caído em poder dos adversários em 18 de julho. O mesmo havia ocorrido em Faxina (atual Itapeva) em 19 de julho, mas a facilidade com que os adversários avançaram encontrou fortíssima resistência na cidade de Buri, onde o coronel Brazilio Taborda comandou em pessoa a defesa desse verdadeiro bastião constitucionalista no qual episódios de heroísmo e bravura foram consignados por combatentes da Força Pública de São Paulo (atual PMESP) e voluntários paulistas, entre eles os jovens acadêmicos de Direito, Medicina e Engenharia, do lendário Batalhão "14 de Julho" e também do Trem Blindado de número 1, sob o comando do valoroso primeiro tenente Afonso Negrão, mas tarde promovido a capitão por atos de bravura durante a revolução.

Da resistência ocorrida em Buri (25 a 26 de julho), o coronel Brazilio Taborda continuou a frente do Exército Constitucionalista do Setor Sul em todos os demais combates no setor, tendo sido chamado pelo general Klinger para comandar a polícia do Estado de São Paulo dias antes do Armistício ocorrido a 2 de outubro de 1932.

Reformado administrativamente a 8 de agosto daquele ano, logo após o Armistício, seguiu o coronel Brazilio Taborda e vários outros oficiais e civis partícipes da Revolução para o exílio em Portugal, de onde voltaram ao Brasil em 10 de julho de 1934, ficando ele entre os anistiados que reverteram para o serviço ativo do Exército Brasileiro.

De 1935 a 1937, o coronel Brazilio Taborda comandou a Escola Técnica do Exército (atual Instituto Militar de Engenharia) e nos dois anos seguintes foi comandante da 8ª Região Militar, já no posto de general de brigada, promoção essa que o atingiu a 20 de maio de 1937, endossada por Waldomiro Castilho de Lima, o mesmo general que outrora fora seu adversário durante a Revolução de 1932.

Aos quase 46 anos de serviços prestados à nação e por força do decreto de 2 de junho de 1939, o general de brigada Brazilio Taborda passa para a reserva. Decreto de 4 de janeiro de 1950, quando já reformado, o promoveu ao posto de General de Divisão.

A Medalha da Ordem do Mérito Militar, no grau comendador, foi a condecoração que recebeu como atestado incontestado de uma carreira militar de valor, pontuada pela integridade, profissionalismo e inteira dedicação ao serviço da pátria.

Seu falecimento se deu a 2 de agosto de 1973, no Rio de Janeiro.

Com o Decreto de n.º 18.882, de 12 de Maio de 1982 do Governo do Estado de São Paulo, seus restos mortais foram trasladados para o Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 1932 onde atualmente se encontram.

Não obstante, seus ex-comandados, em especial os seus “rapazes” do Batalhão 14 de Julho, nunca o esqueceram e prestaram-lhe variadas homenagens em prosa e poesia em dezenas de livros que no correr dos anos foram publicados sobre a Revolução de 32.

Quando das comemorações dos 80 anos da Revolução de 32 em 2012, o Conselho de Méritos e Honrarias do Núcleo Paulistas de Itapetininga! Às Armas!! sucursal da Sociedade Veteranos de 32-MMDC em Itapetininga instituiu a honraria Diploma de Honra ao Mérito General Brazilio Taborda, com a finalidade de manter viva a memória deste insigne brasileiro de alma e paulista de coração, cujos serviços prestados à Constituição, à Liberdade e à Democracia deverão jamais ser esquecidos.

A guisa de conclusão deste ensaio, transcrevemos um depoimento deste insigne brasileiro da alma e paulista de coração, concedido ao periódico “O Mundo Ilustrado”, edição de 7 de julho de 1954, sobre o significado histórico do maior movimento cívico do Estado de São Paulo:

A revolução paulista de 32 foi mais do que uma luta armada em prol de um ideal político. Foi uma epopeia cívica, foi um terremoto de civismo. Por dever de ofício, ao longo da minha carreira militar, tomei parte em muitas lutas que ensanguentaram vários rincões da nossa terra, e, oriundo da experiência dessas lutas, muita vez me assaltou um doloroso pessimismo quanto às nossas possibilidades numa luta em defesa da pátria. A revolução de São Paulo banuiu do meu espírito essa apreensão. Quem esteve em São Paulo naqueles dias memoráveis assistiu ao maior e mais belo espetáculo de civismo que pode sacudir e elevar um povo. A atmosfera se impregnou de heroísmo e de abnegação. O espírito de sacrifício envolveu homens e mulheres de todas as idades e de todas as classes; tudo estava impregnado de ardor e de civismo; os acordes dos hinos faziam vibrar a própria natureza bruta. Tive sob meu comando batalhões cujos soldados eram médicos, engenheiros, advogados, comerciários, funcionários paulistas e até professores de universidade. E a tropa assim formada enfrentou perigos e fadigas com abnegação dificilmente exigível de tropas regulares de elite. Homens, mulheres e crianças, todos eram operários que trabalhavam dia e noite, delirantemente, para que nada faltasse aos soldados que se batiam nas frentes de combate. Ricos e pobres, além dessa dádiva fecunda de trabalhar, despojavam-se de seus haveres em moeda e em joias, para que todo esse ouro, em trabalho, em metal e em abnegação, fosse levar recursos e conforto ao combatente. Quem assistiu ao espetáculo sublime desse terremoto de civismo e de brasilidade em São Paulo tem o direito de confiar na integridade de nossa pátria ao longo da história do mundo.

